



CÂMARA MUNICIPAL DE BOTUCATU



PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº. 3 de 4 de março de 2024.



“Denomina de “Historiador João Carlos Figueiroa” a sala destinada ao armazenamento do acervo documental da Câmara Municipal de Botucatu”.

Art. 1º. Fica denominada de “Historiador **JOÃO CARLOS FIGUEIROA**” a sala destinada ao armazenamento do acervo documental da Câmara Municipal de Botucatu.

Art. 2º. O presente Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

Plenário “Ver. Laurindo Ezidoro Jaqueta”, 4 de março de 2024.

Vereador Autor **LELO PAGANI**
PSDB

DOCUMENTO ASSINADO DIGITALMENTE - T760-010E-386A-9VC7 -
Para validação acessar: <https://camarabotucatu.sp.gov.br/consulta/documentos/autenticar>



PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº. 3 de 4 de março de 2024



JUSTIFICATIVA

Se você tivesse que indicar alguém que possa falar com propriedade sobre os fatos antigos que ajudaram a construir a história de Botucatu, que nome lhe viria à cabeça? Muitos devem ter respondido – e com razão – João Carlos Figueiroa.

João Carlos Figueiroa nasceu em Botucatu em 20 de agosto de 1944 e transformou-se em uma espécie de guardião da história da cidade. Filho de Felix Figueiroa e Luiza Paganini Figueiroa.

Figueiroa passou pelos bancos do Colégio Diocesano e formou-se professor, em 1963, no Instituto de Educação Cardoso de Almeida (IECA). Aos 12 anos já trabalhava como office boy na Rádio Emissora de Botucatu (PRF-8) e no jornal Correio de Botucatu, ambos pertencentes a sua família. No começo fazia serviços de escritório e de entrega.

No rádio, as mudanças constantes na equipe, ocorridas entre 1956 e 1960, lhe deram as primeiras oportunidades. Inicialmente na área esportiva. Com apenas 13 anos, o garoto já estava credenciado para atuar na cobertura dos Jogos Regionais da Sorocabana.

Foi nessa mesma época que teve o primeiro contato com a política, que de certa forma viria a acompanhá-lo ao longo da vida. Muito por conta da atuação dos tios Octacílio e Plínio Paganini que chegaram a presidir a Câmara Municipal.

Em 1959, ano da morte de seu pai, Figueiroa foi levado para acompanhar a campanha do tio como forma de aliviar a tristeza. Por anos fez a cobertura das sessões da Câmara. Conviveu com políticos diferenciados e acompanhou debates célebres em um tempo em que vereador não recebia salário.

Na equipe de esportes fez de tudo um pouco. Foi repórter de campo, comentarista e apresentador de programas. Com o tempo, vários profissionais deixaram a emissora. Alguns contratados pela Rádio Municipalista, inaugurada em 1962. Muitos buscando uma nova vida em São Paulo. Um ano antes, Figueiroa havia concluído o curso colegial. O momento era de decidir seu futuro. E na época Botucatu ainda estava mergulhada em uma profunda depressão econômica.

Em 1964, antes de completar 20 anos, desembarcava em São Paulo para tentar a sorte. Três dias depois com um recorte de jornal na mão, conseguiu emprego no escritório de uma empresa americana que fabricava conectores elétricos. Lá permaneceu por pouco tempo.

Trabalhou por sete meses na agência central do Banco Moreira Salles. Deixou o posto ao ser aprovado em um concurso público para atuar como correspondente na Secretaria do Governo. Lá ficou por longo período. Na mesma época resolveu dar aulas em uma escola rural no bairro Cocaia, região de Parelheiros, no extremo sul da capital.

O Brasil já vivia sob o regime militar. À noite, Figueiroa frequentava o curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP). O envolvimento com o movimento estudantil rendeu-lhe dez anos de direitos políticos cassados.

Ao final do processo foi inocentado, mas as consequências ficariam para sempre. Além de não conseguir concluir o curso, perdeu a chance de ser eleito vereador em seu retorno a Botucatu, já na década de 1970. Com a anistia e o fim do estado de sítio, Figueiroa foi candidato em 1982, mas as condições já não eram as mesmas.

Sua nova passagem pela PRF-8 deu-se até 1976. Mas sempre buscando conciliar com outras atividades que lhe garantissem reforço no salário. Ao lado de Neder Filho e Walter Paschoalick criou um curso preparatório para o exame de maturidade que funcionou entre os anos de 1972 e 1973, no Colégio La Salle. Também chegou a dar aulas de História no curso pré-vestibular Carlos Chagas, entre 1972 e 1974.



O empreendimento que fez mais sucesso foi a Carimbadora e Gráfica JC, que funcionou de 1976 a 1983.

Tentou enveredar por outras áreas, mas as tentativas naufragaram, segundo ele, por falta de planejamento. Montou uma livraria. Não deu certo. Chegou a ser dono de uma casa noturna chamada O Porão, que funcionou no subsolo da antiga Casa Royal, onde hoje está instalado o magazine Terra Terra.

A chegada dos filhos – Fabio e Bruno – fez crescer a necessidade de encontrar alguma estabilidade. Resolveu voltar para São Paulo. As boas relações e a comprovada experiência lhe garantiram emprego na área pública, passando pela extinta Superintendência de Desenvolvimento do Litoral Paulista, ligada a Secretaria do Interior e pela Secretaria de Estado do Planejamento. Nesse período aproximou-se de José Serra, com quem viria a trabalhar em seu escritório político até 1994.

Ainda nessa época em São Paulo, Figueiroa começou a fazer pesquisas e estudar a história de Botucatu. Com as noites livres passou a frequentar a Biblioteca Mário de Andrade. O interesse inicial era sobre o estudo do topônimo que dava nome à cidade.

Trabalhou no tema até 1991 quando publicou uma pequena revista durante uma semana cultural organizada pelo escritor Francisco Marins no Centro Brasil-Itália. O material foi transformado no primeiro livro de sua autoria chamado “*Ybitu Katu – interpretação dos vocábulos indígenas que formam o nome Botucatu*”. Ali nascia o historiador.

De volta à terra natal recebeu convite para escrever em jornais sobre a história da cidade. Primeiro no Correio da Serra. Em 1994 publicou um artigo sobre a Revolução Tenentista de 1924. A boa repercussão o estimulou a seguir em frente. Depois veio o convite do jornalista Haroldo Amaral para colaborar de forma mais intensa no Diário da Serra.

Em meados de 1997/1998, quando Amaral transferiu-se para A Gazeta de Botucatu, colaborou por cinco anos seguidos organizando os famosos cadernos especiais que o jornal publicava no aniversário da cidade. A pedido do proprietário Adolpho Dinucci contou a história dos italianos em Botucatu, dos afrodescendentes, das igrejas Católica e Protestante e do Poder Judiciário, que depois foram publicados em formato de livro. Voltaria a colaborar com o Diário da Serra, praticamente até seu fechamento.

Em 2005, já reconhecido como um dos principais historiadores da cidade, foi convidado pelo secretário de Comunicação Erick Facioli para organizar a reedição do livro “*Achegas para a História de Botucatu*”, de Hernani Donato. Ali começava uma nova etapa de sua vida.

O livro foi lançado em 2008 em dois volumes. Obra primorosa. Nessa mesma época o secretário de Educação Gilberto Borges havia contratado uma editora para fazer uma cartilha sobre Botucatu. E coube a Figueiroa a missão de definir, organizar e produzir o conteúdo. Esses dois trabalhos permitiram Figueiroa se aperfeiçoar ainda mais na história da nossa cidade.

Foi presidente do Centro Cultural de 2007 a 2015, quando teve a oportunidade de tirar da gaveta uma série de trabalhos que vinham sendo adiados por falta de tempo. Destaca a criação do Cine Clube, iniciativa que perdurou por cinco anos.

Outra iniciativa de Figueiroa foi a publicação em livro dos artigos do Dr. João Nogueira Jaguaribe, considerado o primeiro historiador da cidade. Em 2016 tirou do papel um projeto que idealizava há dez anos. O livro “*Boca do Sertão*” que traz a história completa e resumida de Botucatu.

Em 2013, ao deixar a prefeitura onde atuou como secretário de Descentralização e Participação Comunitária, ingressou em um curso de Licenciatura em História à distância, onde formou-se aos 75 anos.





CÂMARA MUNICIPAL DE BOTUCATU



João Carlos Figueiroa faleceu em 1º de novembro de 2023, deixando um imenso vazio nos corações de todos que amavam a história da nossa cidade.

A grandiosidade do historiador João Carlos Figueiroa combina plenamente com a sala destinada ao armazenamento do acervo documental da Câmara Municipal de Botucatu.

Assim, diante de todo exposto, pela paixão e dedicação pela história de Botucatu, consideramos muito justa e oportuna a homenagem que ora prestamos.



Plenário “Ver. Laurindo Ezidoro Jaqueta”, 4 de março de 2024.

Vereador Autor **LELO PAGANI**
PSDB

DOCUMENTO ASSINADO DIGITALMENTE - T760-010E-386A-9VC7 -
Para validação acessar: <https://camarabotucatu.sp.gov.br/consulta/documentos/autenticar>



CÂMARA MUNICIPAL DE BOTUCATU



PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº. 3 de 4 de março de 2024



DOCUMENTO ASSINADO DIGITALMENTE - T760-010E-386A-9VC7 -
Para validação acessar: <https://camarabotucatu.sp.gov.br/consulta/documentos/autenticar>



CÂMARA MUNICIPAL DE BOTUCATU



Assinaturas Digitais



O documento acima foi proposto para assinatura digital na Câmara Municipal de Botucatu. Para verificar as assinaturas, clique no link: <https://camarabotucatu.sp.gov.br/consulta/documentos/autenticar?chave=T760010E386A9VC7>, ou vá até o site <https://camarabotucatu.sp.gov.br/consulta/documentos/autenticar> e utilize o código abaixo para verificar se este documento é válido:

Código para verificação: T760-010E-386A-9VC7

DOCUMENTO ASSINADO DIGITALMENTE - T760-010E-386A-9VC7
Para validação acessar: <https://camarabotucatu.sp.gov.br/consulta/documentos/autenticar>